

A história e a psicanálise

Rosana Nora

“**Q**ue antes renuncie à ela (prática da psicanálise), portanto, aquele que não puder alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”, disse Jacques Lacan nos apontando a que nossa prática serve. Além de desencadear um processo valoroso ao dar voz ao obscuro, a psicanálise é também sempre subversiva nas questões normativas e moralistas, em todos os contextos sociais em que se faz presente.

De acordo com Walter Benjamin, filósofo alemão morto na segunda guerra mundial, a história deveria ser compreendida pela narrativa daqueles que foram vencidos ou das testemunhas silenciadas pela versão oficial dos vencedores. E é dessa mesma leitura que é construída a psicanálise, buscando o que está sendo vencido, o que se esconde, o que está atrás do que é aparente.

Por tanto, digo que a nossa psicanálise, de Freud e de Lacan, precisa continuar provocando tensões, sem nos submeter ao que é apresentado como dado, certo e banalizado. É imperativo não só questionar e contextualizar os discursos dos “mestres” em nossas realidades, mas também flexionar a nossa escuta para outras práticas e teorias. Assim, estaremos articulando outros saberes nos nossos laços contemporâneos e nas singularidades da nossa existência.

Ao tecer sobre o passado e o contemporâneo, o indivíduo e a sua subjetividade, encontro em Leal Cunha (2021) uma posição que nos faz pensar sobre os desencontros produzidos pelo problema das escutas. “Assim, a eventual aproximação entre a experiência transidentitá-

ria e a experiência oitocentista da histeria estaria no modo como essas formas de existência ocupam certo lugar na cultura, e não na existência de uma mesma estrutura subjetiva, um mesmo funcionamento psicológico individual, como proposto recentemente. Nesse sentido, arriscando um pouco tal aproximação poderia ser resumida no enunciado de que a histeria e as transidentidades são, cada uma a seu modo e a seu tempo, sintomas significativos de suas épocas históricas, tanto quanto, aliás, qualquer forma de existência e não importa que modo de sofrimento.”

No momento em que a má administração política do nosso país nos leva à marca oficial de 600 mil mortos por COVID-19, somos obrigados a nos questionar sobre a nossa história. E tentar um entendimento sobre a vida social e a vida subjetiva que se entrelaçam nessa tragédia. Nesta revista estão reunidos alguns textos que procuram entender o agora através da escuta de histórias dessa brutal realidade que nos assolou. Cada autor, isolado e confinado, nos permite saber o que se passou em sua prática psicanalítica, dentro de narrativas nada oficiais e a contrapelo da negação.